

RESENHA

GUERRA, V.M.L.; NOLASCO, E.C. (orgs.). Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamentos. Campinas: Pontes, 2015. 212 p.

Publicado no ano de 2015, “Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamentos”, obra organizada por Vânia M. Lescano Guerra e Edgar C. Nolasco, ambos professores da Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, apresentam uma coletânea de 11 textos, cujos autores vinculam-se a diversas instituições brasileiras, para celebrar o legado de Michel Foucault enquanto reverberação de um discurso que (re)vitaliza-se e sobrevive ao longo da história das ciências humanas.

Conduzida com base em uma postura crítica em que em se pode ver (re) significar a voz do autor-filósofo, a coletânea, prefaciada por Eneida M. de Souza, discute questões que envolvem o ser-saber, ser-poder e o ser-consigo, de modo a deixar emergir o estatuto do sujeito erigido do/no discurso entretido e entrelaçado a malha sócio-histórica das relações humanas sustentadas pela linguagem.

No primeiro artigo, Eckert-hoff parte de cartas de imigrantes, analisadas à luz da escrita de si, para demonstrar como estas configuram-se como um acontecimento discursivo produtor efeitos de sentido que repercutem no sujeito que escreve e no que a lê em decorrência das possibilidades de interpretação. Estes processos confessionais permitem emergir lampejos de subjetividade constituídos do/no entrecruzamento de discursos outros que perpassam e precedem a enunciação de sujeitos (in)fames.

No segundo texto, Souza problematiza o processo de subjetivação entretido às relações de poder e circunscrito na vida do próprio historiador do presente. Suas considerações discutem como Foucault posicionou-se nas diversas performances de sua fala, aludindo a maneira como ele mesmo, diante de suas enunciações, trabalhava sobre si, para mostrar a concomitância de sua submissão e resistência aos discursos que faziam dele um sujeito.

Já Osório trabalha com as noções de sujeito e heterogeneidade discursiva para tratar da relação intersticial existente entre discurso e poder, conjuradora de saberes e agenciadora de condutas responsáveis sujeição dos indivíduos às posições que precisam ocupar no bojo social. Posições decorrentes de um conjunto de valores determinadores das condições do exercício desses papéis filiados a questões culturais referendadas por aspectos ideológicos.

Freitas aborda a consistência da influência Freudiana diante da concepção filosófica de diversos autores, dentre eles Foucault. Em quase todas as suas obras de renome emergem nuances psicanalíticas. Em especial, em “A vontade de saber”, o autor rechaça a hipótese repressiva do sexo, ao dizer que, pelo contrário, houve o estímulo da sexualidade incitada por meio das práticas discursivas.

No quinto texto, Guida parte do prefácio de “As Palavras e as Coisas”, de Michel Foucault, para falar dos animais, mais especificamente das taxonomias a eles atribuídas na obra de J. L. Borges. Em tom de conversa, traz para seu ensaio a questão de que Foucault considerou engraçada a maneira de Borges nomear os animais em seus escritos e lança a reflexão: o que será que Foucault teria dito da obra de Manuel de Barros e toda sua singeleza metafórica que toma como base os animais, a natureza em sua exuberância e inteligência cíclica.

Em seguida, Sathler alude as noções de Disciplina e Biopoder para problematizar como estas articulam-se para erigir uma subjetividade produtiva, obediente, dócil perpassada pelo poder disciplinar promotor da vida ou condutor da morte dos sujeitos. Aborda como a escrita estabelece-se como instrumento que assume características disciplinares que ao passar pelo corpo do sujeito e estar diretamente relacionada ao contato e relações deste com a sociedade, enquanto produto da criação de sujeitos letrados, funciona como exímia dobradiça do processo de formatação e assujeitamento dos corpos perante o Estado (VEIGA-NETO, 2014).

Na esteira das (re)significações das considerações foucaultianas, Benites em “Do cuidado de Si À escrita de Si: Foucault e o Sujeito em construção” tece um panorama teórico com relação a noção de sujeito para mostrar como se constituem os processos de subjetivação nas malhas da história por meio de técnicas de escuta, memorização e escrita no bojo da sociedade. Como funcionam face a um recorte histórico-social, de modo a acarretar processos simultâneos de objetivação e subjetivação que possibilitam ao homem torna-se sujeito.

Bessa-Oliveira mobiliza o legado foucaultiano (co)relacionando-o com a produção artística no sentido de observar que independente do suporte onde a arte se erija, ela é sempre um processo de escrita si, seja na chancela do processo criativo ou do sensível é preciso considerar essa inscrição do sujeito da e na obra, bem como as referências históricas e socioculturais de ambas facetas permeadas de um processo ininterrupto de interpretação.

O nono texto, Santos discorre como a noção de “corpos dóceis” e a emergência da “sociedade disciplinar” configuram-se como instrumentais de grande relevância para problematizar as metamorfoses sofridas pelos sujeitos

e os gestos políticos formatadores e enunciadores de uma verdade em diversos momentos da história, além de ajudar a explicar e compreender as novas práticas discursivas que envolvem a política midiaticizada enquanto nova esfera de sujeição dos corpos. Em seguida, Nolasco traz para o centro das discussões o sujeito indígena subjugado da tríplice fronteira (Mato Grosso do Sul, Bolívia e Paraguai) e o problematiza por meio do entrelaçamento dos “saberes subalternos” de Mignolo, dos “saberes subjugados” de Foucault e os “saberes de dannés” de Fanon para demonstrar que deve-se pensar sua condição de exclusão a partir de uma desobediência epistêmica que subverte a visada moderna e que seja capaz de considerar o lócus geohistórico desses sujeitos.

Por fim, Guerra e Almeida, lançam um olhar discursivo-desconstrutivista sobre a lei Maria da Penha sob o prisma de Foucault e Derrida com vistas a desvelar que este artefato legal no gesto de incluir a mulher na ordem jurídica (re)afirma sua marginalização diante da esfera social.

Seguramente, podemos dizer que esta coletânea se configura como um ato de “celebração do outro” (CORACINI, 2007), em que a memória, a identidade e a história de Michel Foucault, entrelaçam-se e entretecem-se nos ditos e ecoa na urdidura do discurso dos colaboradores que o homenagearam a partir de suas pesquisas. Em um gesto autoral, desarquivam e monumentalizam seu legado, seu projeto crítico, de modo que em cada processo interpretativo é possível observar a reverberação de seu trabalho intelectual (OKSALA, 2011) que continua a inspirar e semear o fascínio pela capacidade da linguagem em produzir sentidos, erigir sujeitos, arregimentar condutas e petrificar verdades por meio de sua natureza multifacetada. É dessa bricolagem teorizadora, insurge a força propulsora da criação (SOUZA, 2012) que aposta na leitura do resíduo como energia adormecida que ao ser revitalizada em cada pesquisa faz Michel Foucault estar, mais do que nunca, vivo e ativo entre nós e em cada um de nós.

Referências

- CORACINI, Maria J. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira). Plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.
- OKSALA, Johanna. *Como ler Michel Foucault*. Trad. Maria Luiza de X. de A. Borges. Rev. Técnica Alfredo Veiga-Neto, Karla Saraiva. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SOUZA, Eneida Maria. Entre a Arte e a Ciência, a invenção. *Revista Escritos*, Ano 6, nº 6, 2012. p.7-14.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. 3 ed. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Icléia Caires Moreira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
icamoreira@hotmail.com

Enviado em 22 de setembro de 2016.

Aceito em 21 de dezembro de 2106.